

MAÍRA: UM ESTUDO DO ROMANCE DOS ÍNDIOS DA AMAZÔNIA

Vanessa Gonçalves Oliveira (UFJF)¹

Resumo: Este trabalho estuda como o gênero romance, ao relacionar a história dos índios e a ficção, por meio da obra *Maíra*, de Darcy Ribeiro, pode contribuir na discussão sobre o desenvolvimento do gênero e a construção da identidade cultural na América Latina. Para isso, foi necessário trabalhar com os conceitos de Transculturação, de Ángel Rama, além de recorrer a Bakhtin ao seu estudo sobre o gênero romanesco.

Palavras-chave: romance; transculturação; *Maíra*.

Ao pensar as narrativas de fundação tem-se a oportunidade de entender que o gênero romance foi um dos grandes aliados na constituição do Estado/nação, principalmente, no sentido de promover a concepção essencialista e de unidade cultural no Velho e Novo Mundo. Um dos traços mais relevantes que se apresenta no romance e contribui na comprovação da ideia de ser um gênero em formação, é seu caráter profundamente autocrítico, a partir da composição híbrida de outras formas de discurso, a maneira como é penetrado pela ironia sinalizam para sua ligação com o contexto de sua época.

Nesse sentido, faz parte da natureza do romance, apropriação dos gêneros para parodiá-los, reinterpretá-los e integrá-los na composição do gênero. Isso, só corrobora para a compreensão de que o romance é um gênero complexo, mesclado e plural. Além do mais, ele está inscrito na história da arte pela sua linguagem plural, é por meio dela, que é possível conhecer de si e do outro, promovendo a redescoberta de muitas vozes sociais do mundo, no nosso caso, a redescoberta da voz silenciada dos índios da Amazônia. Por isso, trata-se de um gênero de caráter indeterminado permeado pela fala do outro.

Nossa análise tem origem no conceito de transculturação narrativa, de Ángel Rama, que assim como os pensamentos de heterogeneidade, criouliização, hibridismo, estabelecem novas formas de compreender o território latino-americano, dessa maneira, se distanciando das visões etnocêntricas, que, por muitas vezes, são responsáveis por olhares carregados de exotismo.

¹ Discente do curso de Doutorado e mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: vanessa.litterae@gmail.com.

Na contemporaneidade, torna-se constante a consolidação da identidade por meio da especificidade, da heterogeneidade e da diferença, uma vez que o conceito de identidade nacional não corresponde à fragmentação e à descentralização do indivíduo e das culturas. Ao trabalharmos com o romance Maíra, não pretendemos legitimar sua versão acerca do processo de construção da história do Brasil, entretanto, levantaremos questões acerca das diversas significações apresentadas pelo autor por meio do discurso ficcional e o emprego da linguagem e de um pensamento cultural acerca da história dos índios da Amazônia.

A partir do conceito trabalhado por Ortiz, Ángel Rama, intelectual uruguaio, compreende que a obra literária é uma das ferramentas políticas empregadas na transformação da consciência e do mundo, principalmente ocidental. Na contemporaneidade, tal conhecimento será feito a partir da emergência de se reafirmar o território e a identidade da América Latina. Nesse sentido é que Rama concebe o intelectual/artista como agente de transformações políticas e culturais, destacando, portanto, a literatura enquanto mecanismo de reflexão, além de integração do continente latino-americano.

Na obra *Transculturación narrativa em América Latina*, o autor discorre de maneira mais detalhada sobre o conceito a respeito da cultura e a literatura latino-americana, salientando o conflito entre vanguardismo e regionalismo sem deixar de explicar a apropriação do termo antropológico de Fernando Ortiz. Dessa maneira, Rama atenta para a relação entre literatura e cultura, e procura não desassociá-las, colocando o conceito proposto por Ortiz no território da crítica literária. Com o objetivo principal de estabelecer os processos transculturadores que os escritores da América latina realizam ao longo das suas obras. Rama é um teórico que considera a obra literária como instrumento político que age como transformador da consciência e do mundo. Tal consciência de transformação está presente no processo de reafirmação cultural da América Latina. Por isso, para o uruguaio, o intelectual/artista/escritor possui o poder de questionamento e mudança no que se refere à política e a cultura. Nesse sentido, Rama acredita no poder de transformação e integração dado a partir da literatura, criando o conceito de transculturação narrativa.

Assim como Ortiz discorda do emprego do conceito aculturação, Ángel Rama igualmente considera o conceito inapropriado, uma vez que se trata de uma perspectiva

de viés etnocêntrico que tende a relativizar o ambiente e as condições de trocas culturais entre as comunidades, prevalecendo o olhar encoberto pelos interesses e propósitos da dominação imperialista ocidental.

Por isso, o vocábulo que melhor expressa as condições que sucedem o processo de transição de uma cultura a outra, é, segundo Rama, a transculturação. Para o autor, este não consiste somente em contrair uma cultura distinta implicando num sentido único, que é o que determina o vocábulo anglo-americano aculturação, porém, acarreta, necessariamente, na perda ou no desligamento de uma cultura antecedente, provocando uma parcial desaculturação e, também, concomitantemente, representa a conseqüente criação de novos fenômenos denominados neoculturação.

Tentar compreender a América no momento de uma descolonização cultural e a ainda se contrapor ao discurso dominante universal já estabelecido na sociedade é assumir a responsabilidade de se repensar a história do latino-americano, refletindo sobre um passado inacabado que assombra o presente e, também, o futuro.

O conceito de Transculturação narrativa foi desenvolvido em três níveis, conforme Rama afirma em sua obra. Dessa forma, as narrativas consideradas transculturadas apresentam o uso da língua, a estruturação literária e a cosmovisão. Por meio do viés linguístico, o escritor pode recuperar a linguagem regional e conseqüentemente apresentar a relação conflituosa entre o culto e o popular. Quanto à estruturação, trata-se do momento em que a comunidade que sofreu a imposição busca engendrar sua própria literatura a partir de imagens características da sua cultura e etnia, por exemplo, no Brasil, o índio, o negro e o mestiço são as representações recorrentes da nossa literatura. Por último, a cosmovisão, momento no qual se reconhecem novos significados que buscam romper ideologias.

Em *Maíra*, podemos observar claramente a utilização inventiva da linguagem para demonstrar o diálogo entre as tradições populares e eruditas, de forma a acrescentar as complexas imbricações culturais do povo indígena e a população ribeirinha ao discurso literário, através de elementos líricos e dramáticos ao longo da narrativa. A partir das falas e dos relatos dos personagens, Darcy Ribeiro apresenta a cultura e a presença dos indígenas, mestiços, estrangeiros e brasileiros na floresta e nas margens dos rios amazônicos, ambiente cercado por desigualdades sociais e interesses

capitalistas. O autor contempla, de maneira autêntica, a questão cultural indígena, retratando através da narrativa a herança cultural da região.

Bakhtin é responsável por nos fazer repensar a condição do romance na modernidade, sua análise é feita pelo viés histórico-discursivo. Para o autor, o romance é dos responsáveis pelo discurso literário da modernidade – pensamos, também, na contemporaneidade – já que este se adaptou às condições culturais contemporâneas, prevalecendo, sempre, pela não linearidade, como um gênero híbrido.

No romance podemos observar uma amálgama de outros estilos de texto. Nele, encontramos um quê de narração, reportagem, biografia que podem vir a ser em tons poéticos, dramáticos ou extraliterários. Sem falar na inclusão de características de outras formas artísticas, tais como a fotografia, o cinema, a música, a arte digital, entre outras maneiras de expressar o rompimento de padrões e os limites do espaço e do tempo.

Leva-se em conta que as obras de arte carregam em si uma organicidade, são elementos vivos, enraizadas nas dimensões espaço-temporais da humanidade, não podem nem devem ser isoladas do mundo em que foram produzidas. Uma vez que transbordam discursividade, estão elas atreladas a variados processos externos e a arte está diretamente vinculada aos elementos histórico, sociais e culturais. Dessa maneira, Bakhtin se contrapõe ao movimento da estética material que reconhecia e considerava a arte como objeto isolado do todo.

Bakhtin situa-se como um oposto de Saussure por não admitir a concepção linguística sausseriana, que isola a língua da linguagem humana. Logo, a linguística de Saussure é aquela que trabalha somente como uma parte da linguagem, descaracterizando seu ambiente heterogêneo. Ramon Luiz Arenhardt e Cristiane Rojas Cespedes, mestrandos do PPGEdU/CUR/UFMT, assim compreendem a relação dos pensamentos de ambos os teóricos no texto *A linguagem e a linguística: Bakhtin confrontado Saussure (I–II)*:

Ocorre que Bakhtin pretende, fundamentalmente, entender o exercício da linguagem humana por parte dos indivíduos. Ele escolhe o filme em lugar da filmadora, por mais difícil que seja o rumo a desvendar. O que Saussure alija do estudo da linguística é o que atrai as atenções de Bakhtin. Para ele, o único objeto real e material de que dispomos para entender o fenômeno da linguagem humana é o exercício da fala em sociedade. A língua falada, em todos os lugares comuns, tal como nas casas, na rua e na igreja, nas festas e repartições públicas, é sempre o que existe de materialmente palpável para o estudo. Para ele, a língua

— que Saussure considera o objeto da linguística — não passa de um modelo abstrato, construído pelo teórico a partir da linguagem viva e real, por isso, plena de sentidos. (ARENHARDT e CESPEDES, 2013, não paginado)

Nessa perspectiva, Bakhtin não concilia com os estudos linguísticos, sendo considerado um pensador da linguagem, considerando esta uma arte de movimento heterogêneo e plural, traçada por uma rede de significados complexos.

Para o autor, o romance “caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal” (BAKHTIN, 1990, p. 73)

O romance pode ser pensado como um tecido discursivo no qual é formado por uma gama infinita de fios dialógicos, estabelecendo relações com outros discursos que ecoam através da narrativa, resultando em um coro de muitas vozes. Essas vozes, entendemos que tratam-se do plurilinguismo que pode ser definido como o discurso de outro na linguagem de outro, percepção altamente contemporânea.

A relação dialógica de diferentes discursos presentes no romance faz com que este se apresente como uma expressão rica e mesclada, permanentemente marcada pelo Outro.

A emergência de se discutir questões como o autor, o narrador, a história, a sociedade, a alteridade, a política, por exemplo, confirmam que algumas obras precisam ser estudadas e interpretadas a partir do viés plurissignificativo. Em sua construção, *Maíra* é feita por uma perspectiva dialógica que através dos discursos literário e histórico busca reexplorar as condições identitárias, culturais e políticas do índio brasileiro, evidenciando se pela multiplicidade de vozes.

Assim, Maíra põe em relevo o trânsito entre a condição identitária do nativo e as consequências do seu envolvimento com a cultura invasora. O caráter pluridiscursivo do mosaico desenhado pelas biografias reúne-se no Índez, último capítulo, em que a polifonia se vincula ao sentido da obra, permitindo que as vozes acentuem, nos seus hiatos, a constante da desindianização, na qual se põe a lume à marginalidade a que o índio foi submetido. (SANTOS, 2009, p. 33)

Assim, um dos aspectos mais importantes deste romance é a sua linguagem plural. Através dela, é possível ouvir diversas vozes que certificam ou até mesmo contestem suas identidades. A respeito da importância da linguagem, em especial, a linguagem oral, Ángel Rama afirma que “A língua faz parte dos mitos latino-

americanos que testemunham sua singularidade cultural, e é ela que compôs, mais com a voz que com a escritura, suas obras-mestras” (2008, p.192). Levando em consideração essas reflexões, podemos observar o trabalho linguístico de Darcy Ribeiro, que faz mediação entre a tradição oral e escrita, além de inserção de vozes das populações indígenas e das camadas mais simples da Amazônia. Como exemplo, temos a voz de Antão, o empregado de Juca:

- Minha vontade é fugir. Mas aqui, o senhor sabe, rio abaixo é só para cair na mão dele mesmo. E o avião do CAN só tira pobre daqui pra morrer no hospital. E seu Juca falou claro: “Quero pagamento em pele de lontra e jaguatirica, nem que Dóia, sua velha, tenha de parir os bichos para você matar. “Estou atolado e sem saída. Já andei rastreando sinais de jaguatirica, não achei nenhum. A que havia estava pegando galinha de Dóia, eu peguei no mundo e ele já levou a pela. (RIBEIRO, 2007, p. 155)

No trecho acima, Antão é “um paraense de nuca fina, cabeçudo, falador” (RIBEIRO, 2007, p. 153), e é possível estabelecer a relação do descaso que é vivido pela comunidade amazonense ribeirinha. Estes só conseguem sair pelo avião do CAN se for para morrer. Além do mais, temos a crítica sobreposta à exploração do trabalhador.

Em *Maíra*, podemos observar não só a perspectiva oral – dialetos de indígenas e os dialetos regionais – mas também a perspectiva escrita através dos diferentes gêneros da norma culta da língua portuguesa – ofícios, relatórios e cartas dos funcionários do governo – apresentados ao longo do texto. Dessa maneira, essas “outras vozes”, esses outros tons, são bem marcantes e perceptíveis no romance do autor.

Mas escrever na presença de todas as línguas do mundo não significa conhecer todas as línguas do mundo. Significa que no contexto atual das literaturas e da relação da poética com o caos-mundo, não posso mais escrever de maneira monolíngue. O que quero dizer é que deporto e desarrumo minha língua, não elaborando sínteses, mas sim através de aberturas linguísticas que me permitem conceber as relações das línguas entre si em nossos dias (...) (GLISSANT, 2005, p. 49)

Uma das vozes principais no livro é a do índio Avá/Isaías, que denuncia o descaso com os índios, demonstrando a miséria nas margens do rio Itaparicã. Já a vida difícil do povo de Corrutela é apaziguada pelos clamores de Xisto, um profeta que busca a redenção e o encontro pelo encantado:

Outra doutrina extravagante era a de que, com a vinda do filho de Deus, não só haveria, afinal, a paz sobre os escombros da última guerra como haveria também, insistia, fartura para todos. Tudo isso estava muito bem, mas não a insistência de que a fartura viria da redistribuição das terras, que seriam devolvidas a Deus, seu único dono. Também o gado, dizia seu Xisto, seria dividido entre todos. Os outros bens também. Tudo seria repartido para que cada família tivesse sua roça, sua vaca, seu cavalo. (RIBEIRO, 2007, p. 335)

Além disso, é possível observar a multiplicidade de vozes presentes nessa obra por meio das diversas línguas e dialetos utilizados ao longo do romance, seja com o latim, nas orações feitas por Isaías e pelos missionários e freiras católicas; seja com o inglês, na ladainha cantada pelo missionário norte-americano Bob; ou com as línguas indígenas usadas pelos mairum; e, ainda, a regional, nas pregações do cearense, o Beato Xisto, papa-chibé, Antão, dentre outras personagens.

No decorrer da narrativa, conta-se a trajetória do povo mairum, um mesmo evento é contado a partir de diversas vozes, revelando ao leitor uma mesma história, que é apresentada ao longo do romance que termina com um capítulo totalmente polifônico, *Indez*, no qual as várias vozes abarcadas neste enredo falam sem marcação diferenciada, demonstrando as divergências e diversidades que envolvem a questão indígena.

A personagem Xisto, preto beato, representa a sabedoria da cidade Corrutela. Com seus sermões a moda brasileira, Xisto prega a palavra de Deus através do seu conhecimento de mundo, mesclando a sabedoria cristã à compreensão cultural abarcada na vivência regional do ambiente amazônico. Nesse sentido, mais uma vez, podemos observar a rasura do discurso etnocêntrico que foi imposto na língua e na religião, nesse trecho, porém, tal perspectiva é duplamente questionada tanto na apropriação de um vocabulário coloquial quanto na apropriação de uma entidade religiosa “encantada” que seria o Messias salvador.

- Este mundo tem mistério, tudo aqui é encantado. Até a velha Calu, lavando roupa esse coçando. Até o velho Izupero, que trabalha no ofício de dia e de noite, ferrando cascos. Até eles tem mistério. Há um que manda, o senhor. Outro que desmanda, é o Demo. Mas há também o que há-de-vir, o encantado. (RIBEIRO, 2007, p. 77/78)

No trecho abaixo, vemos a crítica ao sistema de trabalho industrial em que não é possível mais manter os laços com a tradição, com o costume de ouvir as histórias. No livro, por tratar de uma cultura autóctone, vemos a importância da narração das histórias para que o sujeito possa se manter culturalmente no mundo.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIN, 1994, p. 204/205)

Pensamos sobre a construção plural do romance, e como este se configura como um espaço aberto e sem fronteiras, destacando-se pelo seu plurilinguismo, dialoguismo e polifonia. Dessa maneira, entendemos que o gênero, ao conviver e se formar em meio a uma gama de possibilidades, gêneros, línguas e contextos distintos, vive sem definições, caracterizando-se por uma existência oscilante. De qualquer forma,

(...) escrever na presença de todas as línguas do mundo não significa conhecer todas as línguas do mundo. Significa que no contexto atual das literaturas e da relação da poética com o caos-mundo, não posso mais escrever de maneira monolíngue. (GLISSANT, 2005, p. 49)

Portanto, por se tratar de um romance. *Maíra* é uma obra traçada pela pluralidade de línguas, gêneros e narradores que apresentam/representam uma gama de interesses complexos que, sobretudo confirma o caráter múltiplo da contemporaneidade.

Referências

ARENHARDT, R. L.; CESPEDES, C. R. *A linguagem e a linguística: Bakhtin confrontado a Saussure (I-II)*. Jornal A Tribuna, Rondonópolis MT, p. A 2 - A 2, 17 dez. 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2 ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1990.

_____. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia etécnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

MELO, Cimara Valim de. *O Lugar do Romance na Literatura Brasileira Contemporânea*. 278 f. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2010.

ORTÍZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas, Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1987.

RAMA, Ángel. *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*. ROCCA, Pablo (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. *Transculturación narrativa em América Latina*. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. Um romance dos índios e da Amazônia. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SANTOS, Luiza Aparecida Oliva dos. *O Percurso da Indianidade na Literatura Brasileira: matizes de figuração*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.